

ZIGUEZAGUEANDO ENTRE O DIFÍCIL E O MEDO PARALISANTE

Vanessa Maria Gonçalves¹

Prezado Paulo Freire,

Início esta carta confessando que estou te conhecendo agora e quem está me dando esse imensurável prazer é a professora Bethania Medeiros Geremias, professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, no qual ministra a disciplina Educação e Razões Oprimidas. Ela é brilhante como profissional, um ser humano admirável, muito receptiva e gentil. Eu a considero muito afetuosa, pois tem uma peculiaridade notável que é a compaixão pelos animais, uma característica nobre e que diz muito sobre seu caráter.

Bethania, apaixonadamente, é sua discípula, literalmente veste sua camisa. Acredito que com a intenção de nos aproximar de você, sugeri, como atividade da disciplina que ela ministra, a produção de uma carta em resposta daquelas que você escreveu no livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* ou dos *ensinamentos* de bell hooks, no livro *Ensinando o Pensamento Crítico: sabedoria prática*.

Escolhi responder a segunda carta do seu livro e confesso que a princípio a preferência da carta se deu apenas pelo título “*Não deixe que o medo do difícil paralise você*”², porém, quando iniciei a leitura, percebi, na mesma hora, que escolhi a carta certa.

Quando comecei a leitura da referida carta foi como se eu estivesse revivendo a minha trajetória como estudante e como professora. Logo no início, você escreve sobre o difícil e o medo, palavras marcantes na minha vida, principalmente na minha infância. Lembro-me das palavras da minha mãe: “menina larga de ser medrosa, as coisas são difíceis, mas não são um bicho de sete cabeças”. Essas palavras, ao mesmo tempo que me deixavam com sentimento de fraqueza, me encorajavam, pois, se não é um bicho de sete cabeças, consigo enfrentá-lo.

A história da minha infância e boa parte da minha adolescência é marcada pelo medo e pelas dificuldades que eu tinha de enfrentar no ambiente escolar. Lembro-me que morava perto da escola e o simples soar do sino me causava frio na barriga; era algo que eu não entendia, pois, ao observar minha irmã e meus colegas, pareciam tão à vontade em relação à escola e eu sempre com muito receio.

O principal motivo para tanta intimidação da escola, acredito, começou no conteúdo de matemática, pois não acompanhava a turma; assim, o medo e a vergonha me paralisavam e eu não conseguia expor essa dificuldade para meus professores. Mestre Paulo, nessa época, acho que os meus professores não te conheciam, pois o diálogo entre aluno e professor era algo distante. Diante disso, eu encarava essa disciplina com grande temor, o que, de certa forma, criou um bloqueio em relação à disciplina, me causando insegurança por todos os anos como estudante da educação básica. Insegurança que me levou a duvidar da minha

¹ Graduada em História pelo Centro Universitário de Patos de Minas- UNIPAM. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa- UFV. Professora da rede estadual de ensino de Minas Gerais.

² FREIRE, Paulo. Não deixe que o medo do difícil paralise você. In: **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho D' água, 1997. p. 27-31.

capacidade de aprendizado e por muitos anos deixei que o medo me paralisasse como aluna e não conseguia enxergar uma saída para esse obstáculo.

Prezado Mestre Paulo, como eu queria que meus professores tivessem conhecido seu livro: *Professora, sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, porque acredito que se tivessem compreendido e exercido a docência com seus aconselhamentos, minha experiência como aluna teria sido muito diferente.

O interesse em responder esta carta, está na grande ironia da minha vida. Enquanto aluna, o que eu mais desejava era que esse período da trajetória escolar passasse rápido, e jurava que não pisaria em uma escola novamente. O que não sabia era que a vida ia me pregar uma grande peça: doze anos mais tarde a escola, prazerosamente, passaria a fazer parte do meu existir, quando me tornei professora de História.

A escolha pela graduação em História se deu por incentivo de um amigo; era um curso que me chamava atenção porque sempre me identifiquei com a área das humanidades. Fazer a graduação era um sonho, mas, devido às contingências da vida, demorei a retomar os estudos. Ao longo do curso passei por vários percalços, além da questão financeira, problemas emocionais e físicos, como crise do pânico e alopecia, que é a perda de cabelo; porém, sobrevivi a todas elas, pois a vontade de vencer era maior que esses problemas. No entanto, o que eu não esperava era que assim que concluísse o curso, surgiria a oportunidade de lecionar nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio de uma escola na zona rural de minha cidade.

Esse período como educadora foi um momento de grande aprendizado, porém, passei por várias dificuldades, entre elas a falta de experiência em sala de aula, pouco auxílio da escola e excesso de trabalho. Além disso, fomos surpreendidos pela pandemia da COVID 19. Isso mesmo, Mestre Paulo, passamos por uma pandemia terrível, que foi causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado em Wuhan, China, em dezembro de 2019, as tentativas de pará-lo foram ineficientes e logo o vírus se espalhou para todo o mundo. Os Consórcios de Veículos de Imprensa do Brasil apontaram que até 9 de novembro de 2022, 632.870.902 casos foram confirmados em 228 países e territórios, com 6.601.403 mortes atribuídas à doença, tornando-se uma das pandemias mais mortais da história. De fato, ainda hoje convivemos com o vírus, porém, graças à ciência e à tecnologia, pesquisadores conseguiram desenvolver a vacina em um tempo excepcional. Foi um período de muita tensão, mas agora com a vacina estamos saindo do caos e voltando à normalidade.

Em virtude dessa pandemia, o cenário escolar mudou e nós professores tivemos que nos adequar abruptamente para o ensino remoto emergencial, proposto pelo governo diante do isolamento social. Foi um período conturbado, a mudança repentina exigia-nos habilidades para transpor conteúdos e adaptar nossas aulas presenciais para plataformas on-line, sem preparação para isso, causando-nos uma situação estressante.

Por conseguinte, percebi que no campo as dificuldades em lidar com o ensino remoto eram ainda maiores. Isso se deve ao fato de que muitos alunos, por problemas sociais ou de conexão e acesso à internet no campo, tiveram dificuldades de acompanhar as aulas nesse período. Diante dessa situação, temos uma grande preocupação com nossos estudantes; como contornar as consequências dessa pandemia na educação? Como lidar com a desigualdade evidenciada por essa crise sanitária? Mestre Paulo, admito que essas perguntas são uma preocupação diária para nós professores no contexto pós pandêmico, e tenho

certeza que se você estivesse aqui, nos ajudaria a pensar as possibilidades para contornar essas consequências incalculáveis na nossa educação.

Paulo, espero não estar cansando seus ouvidos, mas achei importante te contar sobre a pandemia, afinal foi um momento assustador que trouxe consequências ruins, em todas as áreas de nossas vidas, sobretudo no campo educacional e foi justamente nesse momento que ouvi falar de você.

Algumas frases soltas, às vezes no início de uma reunião quinzenal, na qual a supervisora começava a falar com uma citação sua, como por exemplo: “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizado pelo mundo (FREIRE, 1987, p. 39)”³.

Outras na primeira folha do caderno de plano de estudo que a escola nos apresentava; no mural da escola, em um cartaz feito em algum momento para evento escolar; e até em reuniões de pais ou na recepção de volta às aulas. Enfim, ouvi falar muito de você durante esses anos trabalhados no Estado, porém, devo confessar que naquele momento, apesar de achar as citações interessantes e relevantes, eu não destinava um tempo para pesquisar a seu respeito, e nem mesmo as pessoas que as liam tiravam um tempo para apresentar o autor delas. Sei que é lamentável admitir isso, mas é uma realidade nas escolas, muitos te conhecem, mas de forma superficial.

Entretanto, sempre tive uma inquietação, no sentido de melhorar como pessoa e profissional. Quando me mudei para Viçosa, tive a oportunidade de realizar o processo seletivo de mestrado em educação. Graças a essa inquietação estou tendo a oportunidade e a satisfação de me aprofundar na sua biografia e nos seus ensinamentos, e te prometo que não guardarei apenas pra mim, pretendo fazer discípulos por meio de suas ideias e reflexões.

Na disciplina Educação e Razões Oprimidas, tive a oportunidade de conhecer um autor que escreveu sobre sua obra; o nome dele é Diego Chabalgoity, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Além de professor dessa instituição, ele é coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Paulo Freire e Educação Popular. Chabalgoity (2015)⁴ no livro *Ontologia do Oprimido: Construção do Pensamento Filosófico em Paulo Freire*, apresenta uma investigação acerca da concepção de ontologia presente na sua obra. Diego considerou três de seus primeiros escritos: educação como prática da liberdade, pedagogia do oprimido e ação cultural para a liberdade.

A professora Bethania realizou como proposta de atividade da disciplina uma mediação de leitura desse livro, na qual cada aluno deveria apresentar um capítulo. Eu e minha colega Anna ficamos responsáveis pelo primeiro, em que é apresentado um esboço da sua obra, no intuito de situar no tempo e espaço suas ideias e vivências. Foi nesse momento que fiquei surpresa com sua grandiosa obra e confesso que surgiu um enorme interesse em te conhecer e entender mais sobre a vastidão de seus escritos.

Mestre Paulo, estou lhe contando toda essa trajetória porque sempre fui muito insegura e temerosa. Seria hipocrisia da minha parte negar o medo, que é real. O perigo que vejo pode até ser infundado para outras pessoas, mas, na minha insegurança ele é concreto,

³ FREIRE, Paulo. **A concepção bancária da educação como instrumento da opressão**. In *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁴ CHABALGOITY, D. **Ontologia do oprimido: construção do pensamento filosófico em Paulo Freire**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

o medo do julgamento, de não realizar a tarefa proposta ou mesmo de não entender um texto complexo e todas essas situações estão sendo experienciadas por mim no mestrado.

A primeira dificuldade que enfrentei no mestrado foi escrever o trabalho final de uma disciplina. É como se naquele momento o medo que eu tinha da disciplina de matemática lá na minha infância voltasse, não como um bicho de sete cabeças, como minha mãe dizia, mas de doze, e achei que não conseguiria sair daquela inércia. Quando comecei a produção do texto, entrei em pânico, a insegurança me travava e de uma certa forma, o medo me paralisou.

Porém, Mestre Paulo, o que me chamou a atenção na sua carta foram as possibilidades que você propõe para superar o medo. Você recomenda que perante o medo, seja qual for, primeiramente é necessário que confirmemos, com clareza, as suas causas e razões. Segundo, se as causas forem de fato existentes, é importante confrontá-las com as possibilidades que possuímos para encará-las com sucesso. Terceiro, se for necessário, adiar o enfrentamento do obstáculo, para que nos tornemos mais aptos para realizá-lo amanhã.

Ao ler sua carta, fiquei mais animada e, com isso, consigo encontrar forças para prosseguir na carreira acadêmica, como você escreveu, pois a questão não é permitir que o medo simplesmente nos paralise ou nos leve a desistir de enfrentar situações adversas, sem luta ou sem esforço. Nesta carta, você nos apresenta reflexões sobre o medo, dando como exemplo o medo frente à necessidade de entender um texto. Com isso, alerta sobre alguns erros e nos apresenta algumas saídas.

Desse modo, a sua primeira orientação, que faço questão de aplicar em todas as minhas leituras como aluna e professora, é sobre a nossa autoavaliação: examinar nosso potencial para compreender um texto. Por exemplo, se pego um texto para trabalhar, preciso identificar se tenho ou não capacidade para compreendê-lo; se caso constatar que minha capacidade está aquém, não devo permitir que o medo me petrifique e faça com que eu desista do texto; uma saída é pedir ajuda e buscar meios que não seja apenas o texto em si, para que, assim, eu consiga superar limitações para a sua compreensão.

A segunda orientação é sobre o erro que devemos evitar enquanto estudamos. Muitas vezes recuamos frente ao primeiro obstáculo e estudar é uma tarefa que, como qualquer outra, demanda responsabilidade. É um processo que exige imersão e disciplina pessoal rigorosa. Outra questão a ser considerada é a maneira como encaramos os estudos. Ou os abraçamos com prazer e reconhecemos sua necessidade ou o assumimos como um verdadeiro peso, um fardo imposto a nós. Em virtude disso, talvez a maneira como o estudo tem sido considerado seja uma das causas do grande número de desistências nas escolas. Naturalmente, se não reconhecemos algo como relevante, a tendência é abandonarmos.

Como vimos acima, a disciplina é algo que devemos buscar e que devemos forjar em nós mesmos. É fato que quando assumimos esta disciplina, mais fortificados ficamos para vencer algumas ameaças, aumentando assim nossa capacidade de estudar com eficácia.

Na carta, você nos apresenta algumas dessas ameaças, tal como não manusear instrumentos que podem auxiliar nos estudos, como por exemplo dicionário e livros. Mestre Paulo, hoje também temos a internet como ferramenta de estudo e, com certeza, se você estivesse aqui, nos aconselharia a usá-la nos estudos, pois, como você aponta, é importante criar o hábito de consultar instrumentos auxiliares.

Outra ameaça ao estudo autêntico é driblar a superação das dificuldades; é a ilusão de achar que estamos entendendo o texto, todavia não colocar esse entendimento à prova.

Será mesmo que compreendemos o texto que acabamos de ler? Por que passamos o estudo para frente e não paramos para nos perguntar se estamos entendendo?

São perguntas que muitas vezes evitamos fazer, talvez pelo medo da frustração de não ter compreendido o texto ou até mesmo por não quisermos revelar a capacidade que temos de nos sabotar. Às vezes, temos a ilusão de que fugir dos obstáculos é a melhor saída, conscientes de que será uma fuga que não nos levará a lugar algum, como você escreveu na carta: “fugir ao primeiro embate é permitir que o medo de não chegar a bom termo no processo de inteligência do texto, nos imobilize. Daí a acusar o autor ou autora de incompreensível é um passo (1987, p. 28)”.

Confesso, Mestre Paulo, que algumas vezes me sabotei e presumo que pelo simples fato de não conseguir assumir minhas dificuldades. Porém, como você nos orienta na carta, não precisamos ter vergonha de não entender um texto. Ler e reler o texto faz parte do processo de compreensão. O compromisso com a leitura tem que ser verdadeiro, não bastando simplesmente passar o olho sobre as frases, sem uma preocupação minuciosa com o significado e sentido das palavras.

Outra ameaça apresentada por você, que compromete a tarefa de estudar com qualidade, é perder o foco durante a leitura, ou seja, permitir que nossa imaginação voe para bem longe. Admito que às vezes me pego nessa situação, estou com o livro apostado, porém, estou pensando em várias coisas, menos na leitura que já, há algum tempo, deixei de lado. Com isso, ela se torna mecânica, sem aproveitamento.

Mestre Paulo, mais ao final de sua carta você analisa um ponto que acho importantíssimo apresentar aqui: a leitura de um texto é uma troca entre o sujeito leitor e o texto, isto é, é uma integração entre o leitor e o autor, em que, o leitor ao reescrever o texto busca fazê-lo com diligência, para não mudar o sentido original e trair o espírito do autor. No entanto, isso só é possível quando se tem a compreensão crítica do mesmo. Nesse momento, o medo de ler já deve ter sido superado em virtude do efeito da disciplina intelectual. Agora consigo entender o porquê você insiste na questão da disciplina. A disciplina de uma leitura bem feita é o que faz perder o medo e, conseqüentemente, a capacidade da escrita, pois é inconcebível escrever sem ler e vice-versa.

No decorrer do mestrado, estou tendo a oportunidade de fazer leituras em grupo, ouvir o ponto de vista do outro. Confesso que a leitura em grupo me traz mais segurança para expor minha compreensão do texto. Durante a discussão do grupo, fica evidente o surgimento de vários conceitos relacionados ao que foi lido, e isso nitidamente enriquece a produção da inteligência do texto.

Em concordância com isso, você, em um trecho da carta que aqui lhe respondo, nos fala da necessidade da leitura como experiência dialógica:

Das melhores práticas com a leitura que tenho tido no Brasil e fora dele eu citaria as que realizei coordenando o grupo de leitura em torno do texto. O que tenho observado é que a timidez em face da leitura ou o próprio medo tendem a ser superados e as tentativas de invenção do sentido do texto e não só de sua descoberta são liberadas (1987, p. 30).

No entanto, para realizar essa leitura em grupo, você sugere alguns aspectos importantes que devem ser cumpridos, como por exemplo, cada participante do grupo deve

fazer uma leitura prévia do que vai ser discutido no encontro; é importante se preparar, como disse anteriormente, sempre estarmos munidos de instrumentos auxiliares para ajudar na compreensão do texto.

Fica nítida nesta carta sua preocupação em nos mostrar a importância do comprometimento com a leitura, pois na posição de educandos ou educadores devemos ser sujeitos disciplinados intelectualmente, buscando sempre fazer uma leitura aprofundada. Você aponta a frustração de como os textos são trabalhados nas escolas; admito que não mudou muito, os alunos na maioria das vezes ficam passivos em relação à leitura, realizando uma leitura mecânica. Creio que como educadores, devemos observar suas considerações e preocupações e levá-las para a sala de aula, mudar a maneira de realizar os exercícios, que muitas vezes não estimulam a criança a pensar. Assim, ela só reproduz o que está escrito.

Acredito que as dificuldades que enfrento no mestrado em relação à leitura se dão porque quando criança minha imaginação não foi estimulada pelos meus professores, não tinha espaço para recontar o que foi lido. Acredito que se minha professora conhecesse esse livro e suas diretrizes, ela abriria espaço para os alunos terem a experiência de recontar as histórias lidas, com isso certamente nos tornaríamos melhores leitores, pois, ao deixar nossa imaginação e sentimentos livres para criar, teríamos mais coragem para produzir conhecimento crítico.

Ao observar seus escritos, entendo que como educadora tenho o dever de incitar a curiosidade dos meus alunos e é importante criar condições para promover a capacidade criadora e a reflexão crítica. Por isso, ler e responder esta carta me fez refletir sobre o medo, a dificuldade, a inteligência, o aprender a pensar e compreender. Com isso, percebi que posso encarar sem medo e sem preconceito o meu processo de capacitação e, para que eu tenha bons frutos, é imprescindível não desistir na primeira dificuldade, como você orienta. É importante observar e usar de maneira inteligente nossas habilidades e, se necessário, pedir orientação de outra pessoa para desenvolvermos melhor essas habilidades. Para vencer os desafios é fundamental impor disciplina intelectual e encarar com rigor as leituras.

Antes de finalizar esta carta, com meus sinceros agradecimentos, quero te dizer que esse livro é um grande presente, pois nos apresenta razões para evitar uma compreensão distorcida sobre a tarefa profissional do professor. Com sua análise sobre “Professora sim, tia não” pude ter outra visão a respeito da profissão docente, pois como professora não percebia que, ao permitir ser chamada de “tia”, estava alimentando uma ideologia, afinal a palavra tia soa tão doce. Como tia, só tenho amor e carinho para oferecer. Mas, é como você escreveu, a tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma inocente armadilha ideológica, em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora, o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta, entretê-la no exercício de tarefas fundamentais (FREIRE 1993, p.18)⁵.

Diante disso, sei que a profissão de professora deve ser assumida com grande responsabilidade, é uma atividade que exige seriedade, devemos sempre buscar o preparo científico, teórico e racional. No entanto, você também nos mostra, que seria hipocrisia dizer que ensinamos sem afeto, afinal quando ensinamos, fazemos com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas e com paixão, pois não dá para

⁵ FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

educar alguém sem amor ou sem gostar de pessoas, então ensinar é uma tarefa prazerosa e também exigente.

Além disso, preciso te dizer que o mundo de desigualdades que você tanto criticava continua o mesmo, embora com outra roupagem, que camuflam e tornam menos escancaradas as contradições. Mas nossas mazelas ainda são causadas pela visceral e má distribuição de renda vigente na sociedade brasileira. O Estado Democrático de Direito é fraco, fato que se manifesta em forma de corrupção em setores e níveis de governo, pois é endêmica nas organizações sociais, bem como com pouca participação popular, na defesa de seus direitos, sem contar a violência presente no campo e na cidade. A opressão, hoje, parece ser menos escancarada, mas isso não a torna menos grave. Neste nosso contexto neoliberal, qual seria hoje nossa finalidade enquanto educadores?

O conservadorismo quer a permanência do *status quo*, quer a reprodução contínua do já existente, pois interessa a resignação de nossas classes populares, a subordinação das mentes e corações à ordem neoliberal vigente. Minha proposta é que nós, educadores, enfrentemos os mitos, conhecendo-os. Os saberes são a base de nossas melhores decisões.

Despeço-me, agradecendo por ter nos deixado esse brilhante livro, pela sua vida laboriosa, uma vida em defesa do coletivo, inspirado pelo amor e pela esperança, por não ter negado o passado e nem os equívocos, mas, o transformado em potenciais para o acerto.

Querido Mestre Freire, eu te agradeço por não nos deixar à deriva no mar da docência. Nunca deixe de nos inspirar, gratidão eterna.